



## A construção da identidade étnico-racial de estudantes Afro- Brasileiros/as e suas experiências pré- universitárias

## The ethnic-racial identity construction on African-Brazilian students and their pre- university experiences

*Cátia Simone Ribeiro Barcellos*

Mestre em Educação, Professora de Educação Física na Rede Municipal de Ensino e Professora Pesquisadora do Centro de Educação a distância (CEAD) da UFPel, no Curso de Licenciatura em Educação do Campo (CLEC), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

### **Resumo:**

O presente artigo constituiu-se a partir de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no Curso de Mestrado em Educação. Problematizou os processos de construção da identidade étnico-racial de oito estudantes afro-brasileiros/as, em quatro cursos de Licenciatura da UFPel: Licenciatura em Ciências Sociais, História, Matemática e Biologia. Para analisar como se deu a construção desta identidade, a principal fonte de dados utilizada foram os depoimentos orais dos/as próprios/as alunos/as, obtidos através de entrevistas com roteiros semi-estruturados, em que falaram sobre as suas trajetórias de vida familiares e escolares. O referencial teórico adotado para dar embasamento à pesquisa teve a contribuição dos Estudos Culturais e de estudos baseados nas Teorias Críticas em Educação, em que foram utilizados autores/as que têm produzido sobre a temática no Brasil. O trabalho analisa o relato dos/as estudantes falando das experiências de preconceito, racismo e discriminação que influenciaram/influenciam diretamente as suas identidades, mostrando como são marcados ao longo das suas vidas por serem vistos como “diferentes”, devido ao fato de terem a cor da pele e a textura do cabelo de uma outra forma, que não a estabelecida como padrão na sociedade. A pesquisa teve o intuito de mostrar, através da fala dos/as próprios/as estudantes, as dificuldades que pessoas de classes populares e de etnias consideradas minoritárias têm de enfrentar para permanecerem no sistema escolar de ensino, e de dar voz a quem não tem tido a oportunidade de se expressar.

**Palavras-chave:** Identidade étnico-racial. Estudantes afro-brasileiros/as.

### **Abstract:**

This article was developed from a survey carried out at Universidade Federal de Pelotas (UFPel), in the Education master course. It discussed the processes of ethnical racial identity construction of eight Afro-Brazilian students, in four graduation courses in UFPel which were social sciences, history, mathematics and biology degrees. To analyze how the construction of this identity is build up, the main source of data used were the students oral testimonies obtained through interviews with semi-structured scripts where they talked about their family and school life trajectories. The referential adopted to give theoretical basis for research had the contribution of Cultural studies and studies based on Critical Theories in Education, in which are producing data about it in Brazil. This paper analyzes

the report of students talking about the experiences of prejudice, racism and discrimination that have influenced or still influence directly their identities, showing how are marked along the their lives by being seen as "different", due to the fact that the color of the skin and hair texture of another form, which are not established as a standard pattern in society. The research wanted to show, through the students own speech, the difficulties that people considered from popular classes and ethnic minority must face to remain in educational school system and to give voice to those who have not had the opportunity to express themselves.

**Keywords:** ethnic and racial Identity. Afro-Brazilian students.

## Introdução

O presente texto surge a partir da minha dissertação de mestrado, a qual teve o título “A construção da identidade de estudantes afro-brasileiros/as e suas experiências acadêmico-universitárias em cursos de licenciatura da UFPel (Universidade Federal de Pelotas)”, onde tratei sobre as questões do ensino superior e sobre a construção da identidade dos estudantes pesquisados. Esse artigo foi retirado do terceiro capítulo da dissertação que tratava da construção da identidade étnico-racial dos sujeitos da pesquisa e de suas experiências pré-universitárias em relação às influências familiares e escolares na construção dessa identidade e da marcação das diferenças.

A partir das percepções e das representações de um grupo de oito alunos e alunas de quatro cursos de licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), busquei entender como estes/as estudantes constroem sua identidade étnico-racial e como avaliam as experiências vividas antes de chegarem à Universidade enquanto afro-brasileiros/as, valendo-me, para isso, das suas próprias falas. A pesquisa foi de caráter qualitativo e se desenvolveu em quatro cursos de licenciatura, sendo eles: Ciências Sociais, História, Matemática e Biologia, nos quais a investigação foi feita com um aluno e uma aluna que cursava o último ano. A metodologia utilizada para pesquisa apropriou-se de depoimentos orais de natureza biográfica, coletados através de entrevistas orientadas por roteiros semiestruturados, por meio das quais busquei analisar como os/as alunos/as afro-brasileiros/as constroem suas identidades étnico-raciais ao longo de suas trajetórias de vida. Os depoimentos orais foram utilizados para colher a fala dos/as estudantes, explorando aspectos das suas vivências até chegarem ao Ensino Superior. O referencial teórico discutiu as questões relacionadas com a educação e a produção de identidades, mesclando contribuições oriundas tanto do campo dos Estudos Culturais como de estudos inspirados no marxismo e nas Teorias Críticas em Educação.

A escolha da temática surgiu pelo fato de ela mexer comigo, com as minhas questões, a minha história e a minha vida enquanto mulher, professora e pesquisadora afro-brasileira. Investiguei como os/as estudantes entrevistados/as constroem a sua identidade étnico-racial, na sua trajetória de vida, quais são os processos pelos quais passaram/passam para que se percebam pertencentes a essa etnia. É uma pesquisa que vem contribuir com esses estudos, no momento em que está posto um cenário de discussão sobre relações étnico-raciais.

A atualidade deste tipo de debate vem fazendo com que sejam pensadas e discutidas políticas educacionais oficiais e políticas de ações afirmativas específicas para a população afro-brasileira. A relevância de trabalhos como este consiste em analisar a situação de exclusão em que

os/as afro-brasileiros/as se encontram dentro das instituições de ensino, ou seja, mostra a quem tem “pertencido” secularmente esse lugar, reafirmando a tese de que os lugares são organizados seguindo a lógica das hierarquias, das “cotas majoritárias” para brancos. Nessa direção, defendo a necessidade cada vez mais do desenvolvimento de políticas educacionais e de assistência específicas para essa população. Acredito ser indispensável que os centros formadores, escola, universidade, entre outros, considerem a existência dessa complexa realidade social e que possibilitem aos seus educandos espaços de debates e reflexões sobre a temática em questão.

### **A construção da identidade étnico-racial de estudantes afro-brasileiros/as: a experiência pré-universitária**

O principal objetivo deste capítulo na dissertação era de analisar de que modo os/as estudantes entrevistados/as foram-se construindo como afro-brasileiros/as ao longo de suas trajetórias de vida, nas suas experiências familiares e escolares pré-universitárias. Para tanto, é importante destacar como a situação econômica do grupo pesquisado, a escolaridade de suas famílias e os fatores culturais influenciaram suas trajetórias escolares. Procurarei mostrar as dificuldades vivenciadas por estes/as alunos/as e as experiências de discriminação e preconceito pelas quais passaram.

Os estudantes e as estudantes que fizeram parte da pesquisa nasceram, na sua grande maioria, na cidade de Pelotas, eram solteiros/as, com exceção de uma das entrevistadas, e pertenciam às classes populares, embora preferissem dizer que eram de classes baixa ou média baixa. Quando interrogados sobre as condições socioeconômicas das suas famílias, apenas duas estudantes disseram ser pobres; os outros e as outras falaram ser da classe média, classe média baixa, dizendo que não sobrava, mas que também não faltava dinheiro.

A classificação econômico-social assumida pelos/as entrevistados/as foi baseada em características como os seus locais de moradia, o capital cultural de suas famílias e a profissão de seus pais e de suas mães. Como se pode ver a seguir, os/as entrevistados/as provinham de famílias cujos pais tinham/têm ensino fundamental ou ensino fundamental incompleto e exerciam/exercem atividades predominantemente manuais.

Nas oito entrevistas realizadas, existia uma aluna que morava no centro da cidade e todos os outros e as outras moravam em bairros da periferia. Com relação à escolaridade de seus familiares, uma mãe tinha Ensino Técnico, outra era formada em Agronomia, outra estava acabando o Ensino Médio, na EJA (Educação de Jovens e Adultos), outras três possuíam o Ensino Fundamental incompleto e as outras duas possuíam o Ensino Médio incompleto. Dos pais, um era/é formado no CEFET-RS (Centro Federal de Educação Tecnológica), hoje IF-Sul (Instituto Federal Sul Rio-Grandense), outro tinha Ensino Médio técnico, um possuía o Ensino Médio completo, outro tinha o Ensino Médio incompleto, um tinha o Ensino Fundamental completo, outros dois possuíam o Ensino Fundamental incompleto e o outro, já falecido, era semianalfabeto.

Com relação à profissão, entre as mães, uma era cabeleireira, três eram empregadas domésticas, sendo que uma já estava aposentada, duas eram do lar ou donas de casa, uma era

professora aposentada e a outra estava desempregada, (trabalhava na CRT - Companhia Rio-Grandense de Telecomunicações). Entre os pais, um era policial civil, outro era agente penitenciário, outro era militar aposentado, um era soldador, outro era borracheiro, um era caminhoneiro aposentado e o outro era laboratorista aposentado.

Portanto, com base nos dados apresentados acima, é que classifiquei os/as entrevistados/as da pesquisa como pertencentes às classes populares. Porém, para ilustrar o pensamento deles, com relação à forma como refletiam para se autoclassificarem, há o exemplo do aluno Ademir<sup>1</sup>, do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, 31 anos, solteiro, que trabalhava informalmente segundo suas próprias palavras, “fazendo bicos, sem nada fixo”, estudou sempre em escola pública e é formado em Química no CEFET-RS, hoje IF-Sul em Pelotas. Ao explicar os critérios pelos quais ele se considera da classe média baixa, diz:

[...] estou pensando como é que eu vou [...] bom, as coisas tão hoje, não dá pra ter uma classificação. Classe média, uma classe média [...] baixa, pronto. Classe média baixa. Miseráveis a gente não é. Não temos carro do ano. Não temos TV a cabo [...] Hoje a classe média está sumindo [...] A gente tem [...] Fome a gente não passa. Casa própria isso eu acho que é o sonho de todo mundo; nós temos casa própria e temos o que comer Graças a Deus.

Assim foi, basicamente, o pensamento de todos/as os/as alunos/as entrevistados/as quando questionados sobre a sua condição socioeconômica. Eles/as usaram, na sua maioria, esse tipo de argumentos.

O autor Stavenhagen (1984)<sup>2</sup>, que estudou a estratificação social nos Estados Unidos, baseado em autores como Touraine, Parsons, Davis e Moore e na escola sociológica de W. Lloyd Warner, diz que os critérios usados nas investigações empíricas para o estabelecimento de sistemas de estratificação são: o nível de renda, a origem da renda, a riqueza, a educação, o prestígio da ocupação, a área residencial, a raça ou etnia e outros critérios secundários, que são tomados isoladamente ou combinados estabelecendo um sistema de níveis das classes socioeconômicas. Deste modo, de acordo com estes critérios, considero os/as alunos/as entrevistados vindos de estratos sociais pertencentes às classes populares: devido às suas condições de moradia, às atividades econômicas, ao nível de escolaridade dos pais e por serem pessoas da etnia afro-brasileira.

Todos/as os/as estudantes, com exceção de um entrevistado, que fez a sua formação escolar básica no Ensino Privado, estudaram em escola pública e relataram o fato de não terem tido muito acesso a livros como algo marcante nas suas trajetórias de vida. Como seus pais e suas mães não tinham condições de comprar os livros, eles/as não podiam ler e reconheceram esse fato como fundamental.

<sup>1</sup> Foram dados nomes fictícios para cada entrevistado/a pela própria autora com autorização dos/as mesmos/as.

<sup>2</sup> STAVENHAGEN, Rodolfo. Classes sociais e estratificação social. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1984. p. 281-294.

A aluna Franciele, estudante do curso de Licenciatura em História, 29 anos, única casada dentre os sujeitos da pesquisa, estava a nove anos na Universidade. Começou a trabalhar muito cedo devido à dificuldade econômica da sua família e agora deixou de trabalhar para acabar a faculdade. Foi uma das que falaram sobre as experiências culturais vivenciadas no interior de sua família. Disse que, em toda a vida, teve um único livro, uma enciclopédia que o pai, caminhoneiro, ganhou numa viagem e lhe deu de presente. Relatou o fato de que este livro a ajudou, até mesmo, na escolha do curso que faz hoje.

O fato de os/as alunos/as entrevistados/as não terem pessoas em suas famílias com Ensino Superior está intimamente ligado à questão de classe social e de raça/etnia. Questões como as dificuldades econômicas, o baixo nível de escolaridade da família de origem, a pouca auto-estima e o preconceito racial dificultam o acesso ao Ensino Superior. De acordo com Bourdieu<sup>3</sup> (1999, p.42), cada família transmite a seus filhos um certo “capital cultural” e um certo *ethos*, “sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar”, já que a “herança cultural é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito”.

### **As influências familiares e escolares na construção da identidade étnico-racial**

Os/as estudantes construíram sua identidade étnico-racial como afro-brasileiros/as, por dentro de suas famílias e nos processos de escolarização pelos quais passaram, através de diferentes formas. Uns/umas porque, em algum momento, alguém lhes disse que pertenciam a esta raça/etnia; outros/as por identificarem-se por causa da sua família, por observação; e outros/as, ainda, através de vivências que os marcaram como diferentes na escola, ou melhor, através de experiências com o preconceito, a discriminação e o racismo.

A estudante Daniele, do curso de Biologia, cursando as últimas disciplinas na época, 28 anos, nascida na cidade do Rio de Janeiro<sup>4</sup>, solteira e que dava aulas em dois cursos pré-vestibulares e em um curso de Técnicos em Enfermagem, falou que, desde os três anos, lembrava-se de já dizer que era negra:

[...] eu sempre me identifiquei como negra. Tanto é que, quando criança, eu acho que eu tinha uns três anos e uma vizinha nossa chegou e disse para a mãe:  
- Ah que bonitinha, ela tem os olhos claros.  
Eu era mais clara, né.  
- Ah ela nem parece negra.  
Eu disse assim:  
- Mas eu sou negra. Eu sou o quê! Tu achas que eu sou o quê?  
Com três anos, eu já sabia dizer que eu era negra.

Esta aluna constituiu-se negra nas vivências familiares, sem que ninguém dissesse nada para ela, diretamente. Não sabe ao certo se tinha mesmo três anos de idade, provavelmente um pouco mais, mas contou que a própria mãe ficou sem reação por não esperar que ela fosse falar isso

<sup>3</sup> BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

<sup>4</sup> Única entrevistada que não tem origem em Pelotas e que veio para esta cidade por causa de uma transferência do seu pai, que era militar, hoje aposentado.

desta forma. Certamente, os processos de construção da identidade étnico-racial desta entrevistada, que na época era uma criança, foram através das relações familiares. Neste mesmo sentido, o estudante Pedro, aluno do curso de Matemática, 20 anos, único a estudar em escola privada e a ter um filho entre todos/as os/as entrevistados/as, solteiro, dava aulas como voluntário num curso pré-vestibular, disse que a família é fundamental. Mostrou toda sua identificação:

[...] eu gosto muito de ser negro [...] eu me identifico como negro e as pessoas dizem:

- Ah tu nem é preto.

E eu digo:

- Não, não interessa se eu não sou preto, eu sou negro, não interessa a minha cor, o meu pai é negro, a minha família é negra e então eu sou negro [...]. Acho que a convivência com a família é importante, quando tu te aceita é tranqüilo.

A partir dessas duas falas, da estudante Daniele e do estudante Pedro, nas quais se percebe a importância da família na construção étnico-racial, cito Maalouf<sup>5</sup> (2002) dizendo que se aprende, desde a primeira infância, a identificar as nossas “pertencas” e que isso se dá no meio dos familiares que nos moldam, dando-nos os sentimentos de pertença e de não pertença. O autor diz que as identidades são construídas por meio do ambiente onde se está inserido/a, que nos produzimos através das pessoas que são próximas e que não se nasce com a consciência das nossas identidades; “a identidade não é algo que nos seja entregue na sua forma inteira e definitiva; ela constrói-se e transforma-se ao longo da nossa existência”. Ele diz: “nos tornamos o que somos passo a passo” (MAALOUF, 2002, p.33).

Não existe uma única identidade, uma essência, cada um é singular, o documento de identidade é único, mas a identidade não é. Nesse próprio documento, estão apenas alguns dados como o nome, o dia do nascimento, a família a que se pertence, mas não aparece a identidade étnico-racial, a identidade profissional, o pertencimento religioso e tantas outras que se possui. “A identidade de cada pessoa é constituída por uma multitude de elementos, que não se limitam evidentemente aos que figuram nos registros oficiais [...]” (MAALOUF, 2002, p.18).

As identidades são produzidas ao longo do tempo, em diferentes momentos, lugares e de acordo com diferentes situações nas quais o indivíduo se envolve. As identidades emergem das representações que são feitas para nós através de discursos de uma determinada cultura e pelo nosso desejo consciente ou não de responder aos apelos fabricados por estes significados, de sermos interpelados por eles e de assumirmos as posições de sujeitos construídas para nós. As identidades são originadas culturalmente, como identidades sociais construídas no interior da representação (HALL<sup>6</sup>, 1997).

Portanto, a identidade não é uma essência, fixa, estável, coerente e acabada, é uma construção instável e contraditória. Está ligada a sistemas de representação através de um nexo íntimo e inseparável, tendo a questão da representação um lugar central na política de identidade. Em uma só pessoa, existem diferentes identidades, representadas de diversas formas.

<sup>5</sup> MAALOUF, Amin. *As identidades assassinas*. 2. ed. Portugal: Difel, 2002. FERREIRA, Susana Serras (tradutora).

<sup>6</sup> HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, n. 2, v.21 jul./dez. 1997. p.15-46.

A política de representação (re)cria, (re)constrói e (re)produz a “realidade” através da linguagem, por meio dos discursos e o que é “real” é o produto das representações. O autor Santos<sup>7</sup> (1976 p. 92), baseado em outros autores como Pollock (1990), Dyer (1993), Giroux (1995) e Silva (1995), salienta que tem de haver um questionamento, “o questionamento do ‘real’ como um produto das representações”, pois esse questionamento faz-se necessário, já que “a maneira como somos vistos determina, em parte, o modo como somos tratados, [assim como] tratamos os outros a partir daquilo que vemos, pela representação”. É através destas representações, que estão imbricadas em um jogo de poder, que as pessoas ocupam determinados lugares em uma dada sociedade.

Mais do que (re)produzir as identidades desta ou daquela maneira, as representações ditam as posições de sujeito das pessoas, dos grupos e instituem identidades sociais hegemônicas como as do homem branco, heterossexual, masculino, enquanto outras identidades são vistas como diferentes. Um trabalho como este tem a finalidade de contestar a hegemonia e a universalidade destas identidades numa sociedade pluriétnica, dando voz aos que são considerados minorias para mostrar os significados desse processo de inferiorização na construção identitária em meio às disputas de poder, onde quem fala, o que fala e como fala tem profundas implicações para a vida das pessoas apresentadas (SILVA apud SANTOS, 1976).

O texto de Octavio Ianni<sup>8</sup> (2004, p.27-28), “Dialética das relações raciais”, fala sobre os processos pelos quais os sujeitos são construídos. O autor diz que existe:

[...] a dialética das relações sociais, nas quais se inserem as relações raciais: o indivíduo tomado no singular ou coletivamente, forma-se, conforma-se e transforma-se na trama das relações sociais. São várias, mutáveis e contraditórias as determinações que constituem o indivíduo, no singular e coletivamente, o que pode transformá-lo e transformá-los; daí constituindo-se o “negro”, o “branco”, o “árabe”, o “judeu”, [...] tanto como o “operário”, o “camponês”, o “latifundiário”, o “burguês”; tanto como a “mulher”, o “homem”; todos e cada um visto como criados e recriados, modificados e transfigurados na trama das relações sociais, das formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais; envolvendo sempre processos sócio-culturais e político-econômicos, desdobrando-se em teorias, doutrinas e ideologias. Assim se dá a metamorfose do indivíduo “em geral”, indeterminado, em indivíduo “em particular”, determinado, concretizado por várias, distintas e contraditórias determinações. Esse o clima em que germina o “eu” e o “outro”, o “nós” e o “eles”, compreendendo identidade e alteridade, diversidade e desigualdade, cooperação e hierarquização, divisão do trabalho social e alienação, lutas sociais e emancipação.

Pude perceber, através das entrevistas, como foi forte a influência da escola na vida e na construção dos indivíduos. Na área da Educação, fala-se muito sobre esse assunto, sobre a importância da escola na construção dos sujeitos, no cotidiano da escola, mas não se tem a devida noção da proporção de como acontece esse fato; sabe-se que o processo de escolarização ajuda na formação dos/as alunos/as, mas o que acontece é muito maior do que se pensa.

<sup>7</sup> SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. “Um preto mais clarinho...” ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976. v. 1, n. 1. p. 81-115.

<sup>8</sup> IANNI, Otávio. *Dialética das relações raciais*. Estudos Avançados 18 (50). 2004.

Porém, embora tenham este sentimento de que a escola os ajudou muito a ser o que são e de terem tido bons professores, existe também o fato de que foram extremamente marcados ao longo de todo o período em que estiveram nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, com relação à sua identidade étnico-racial. Para os/as entrevistados/as, foi através do ambiente escolar que começaram a sentirem-se diferentes.

O aluno Sandro, ao falar sobre os acontecimentos que o marcaram durante a sua trajetória antes de chegar ao Ensino Superior, falou o seguinte:

[...] Teve várias coisas que me marcaram, castigos, principalmente, ficar de cara com a parede, ou então, que nem uma vez uma professora mandou escrever mil vezes no caderno “eu não devo incomodar”. Eu peguei ódio da escola. Ódio mesmo. Bom, eu bah! Eu ia obrigado, eu não gostava. Não tinha nada, é que falar é meio complicado, mas eu me sentia; hoje que eu sei o que é discriminar. Eu vejo que tu podes discriminar uma pessoa sem falar, através dos olhares assim. Eu me sentia muito discriminado, assim, muito mesmo excluído, o diferente, sabe?

Este aluno, o Sandro, falou muito sobre os sentimentos que o habitavam quando estava na escola e que naquele momento não entendia. Ele não foi o único, a estudante Franciele falou sobre as dificuldades enfrentadas por ela na fase escolar e o sentimento de angústia causado pelos/as professores/as que não sabiam das necessidades dos/as alunos/as afro-brasileiros/as:

[...] Toda minha vida estudei em escola pública [...] rodei na 3ª série por uma questão básica acho de todos que estudam em escola pública, que são pobres, dificuldades de estudar, dificuldades de ir à escola. Precisa aula de apoio, não tem dinheiro pra tal aula de apoio e acabei repetindo um ano. Rodei três anos na 6ª série, três anos também por causa da mesma coisa: precisava de aula particular e não tinha dinheiro pra aula de reforço aquela coisa toda e então, sempre foi tudo muito difícil. Eu também tinha que ajudar em casa e ficava difícil, bem complicado para mim estudar. As escolas também assim, não apoiaram, tu tens professores que parecem que estão anestesiados, param numa mesmice, parece que tu és só um número da chamada, que tu és uma coisa, uma obrigação que eles têm que cumprir para ganhar o dinheiro no final do mês e não se interessam pela vida pessoal, porque que a criança está indo mal na escola, o que é que está acontecendo, o se importar né?

Esta fala da estudante Franciele foi ao encontro do que Lopes<sup>9</sup> (1987, p.39) diz ao discorrer sobre a socialização e a constituição da identidade da criança negra na escola, “socialização” esta, como diz a autora, no sentido da “viabilidade da criança negra se integrar ao meio como sujeito e não como objeto”, pois a socialização não começa na escola e, sim, na família. A autora salienta que os problemas não são somente pedagógicos, que são problemas psicológicos, já que, como mostra o trecho citado acima, são várias as causas pelas quais as crianças negras têm dificuldades na escola, sendo a falta de dinheiro uma das principais. A partir daí, vem a rejeição, a discriminação, o preconceito.

O fato de os/as professores/as não enxergarem os/as seus/suas discentes como sujeitos que possuem sentimentos e que, conseqüentemente, precisam de afeto e de que sejam levadas em

<sup>9</sup> LOPES, Helena Theodoro. Educação e Identidade. In: ROSEMBERG, Fúlvia e PINTO, Regina Pahim. *Cadernos de pesquisa: Raça negra e educação* (Fundação Carlos Chagas) São Paulo, n. 63, nov. 1987. p.38-40.

consideração as suas necessidades e a falta de condições materiais, causa muita dor nos/as alunos/as e este fato está explícito a todo o momento nas falas, a dor e o sofrimento para manterem-se nas escolas. Lopes salienta que a escola precisa pensar nos processos de constituição das identidades, na alienação das crianças e, em particular, na criança negra, que está fora do seu contexto cultural. A autora diz que “é preciso exorcizar os fantasmas do complexo de inferioridade do brasileiro, aliás, existente em toda a América Latina” (LOPES, 1987, p.39).

A aluna Franciele relatou ainda, muito emocionada, que o estudo representava para ela e para sua família, a oportunidade de ascensão social. O pai dela, principalmente, dizia que, se ela estudasse, não precisaria ser empregada doméstica como sua mãe.

### **A marca da diferença**

A identidade e a diferença são relacionais, construídas em meio a representações sociais e culturais através de relações de poder e de práticas sociais. A fabricação da identidade através da marcação da diferença ocorre no momento em que eu me distingo do outro estabelecendo fronteiras entre “eu” e “ele”, frequentemente, através da oposição. “A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a *identidade depende da diferença*” (WOODWARD<sup>10</sup>, 2005, p.40).

Os conceitos de identidade e diferença, usados como categorias centrais desta pesquisa se fazem devido ao fato de que, a todo o momento, durante as suas vidas, os sujeitos constroem sua identidade étnico-racial como afro-brasileiros e afro-brasileiras pela marcação da diferença e pela classificação hierarquizada que a sociedade produz em relação a uma identidade “padrão”.

As pessoas “diferentes” são marcadas através de situações de exclusão, discriminação, preconceitos e racismo. Todos/as os/as estudantes envolvidos/as na pesquisa já sofreram algum tipo de discriminação racial em algum momento de suas vidas. Aqui, trouxe a fala da estudante Franciele, ao procurar emprego, quando se sentiu discriminada, vítima do racismo e do preconceito:

[...] a discriminação que a gente tem, que a gente sofre na vida inteira. Já aconteceram situações de eu ir procurar trabalho como secretária, eu ter a ficha qualificada, mais qualificada até, sem modéstia, saber que é a mais qualificada, ter o comprovante, ser mais qualificada que as outras candidatas, mas cai no boa aparência né e o boa aparência que a gente sabe tu não é branca, tu não é bonitinha, tu não é magrinha, tu não é jeitosa [...]

Nesta fala, ficou demonstrado que não adianta apenas a qualificação para que se consiga um emprego, é preciso ter “boa aparência”. É importante que as pessoas entendam qual a diferença existente entre os conceitos de discriminação racial, preconceito racial e racismo. Segundo Gomes (2005 p. 54), discriminar significa, entre outras atitudes, distinguir, diferenciar, e a discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Por sua vez, o preconceito racial significa “um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia, de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo”; neste julgamento prévio, existe a inflexibilidade, onde quem o faz, forma um conceito ou opinião

<sup>10</sup> WOODWARD, Kathrun. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). 4. ed. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. p.07-72.

antecipadamente e não admite ponderações. O preconceito inclui a concepção que a pessoa possui de si mesma e do outro. Já o racismo é um comportamento, uma ação que resulta da aversão em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais como a cor da pele, por exemplo. Provém de grupos que acreditam em raças superiores e inferiores e que querem fazer crer que sua opinião é única e verdadeira.

Em outras palavras, sinteticamente, a discriminação racial é uma prática que distingue o outro pela sua raça, tornando-o diferente; o preconceito racial é uma atitude aprendida socialmente, onde se cria uma pré-concepção, sem mesmo conhecer, muitas vezes, mas que se julga os outros ou os acontecimentos a partir daí, e o racismo é uma prática que resulta da imposição de algumas pessoas ou instituições que acreditam existir uma raça melhor, estigmatizando as outras como piores. Todas essas ações estão intrínsecas nas relações do cotidiano, (re)criadas pela sociedade.

De acordo com Ianni (2004, p.23), “a raça, a racialização e o racismo são produzidos na dinâmica das relações sociais [...]. É a dialética das relações sociais que promove a *metamorfose da etnia em raça*”. A raça é uma construção política e social, marcada por características fenotípicas, diferente da etnia, que é uma condição cultural, de ancestralidade. A etnia e a etnicidade se fundam sob características culturais e são caracterizadas como fixas, inerentes ao grupo por serem transmitidas de geração em geração, não apenas pela cultura, mas também pela herança biológica (HALL, 1997). A raça é caracterizada por uma marca, um estigma, o fenótipo, na trama das relações sociais; assim, o negro, o índio e tantos outros são marcados como diferentes e exóticos, sendo (des)qualificados individual ou coletivamente.

Através destas posições de discriminado, estigmatizado, “estranho” é que as pessoas envolvidas neste jogo vão elaborando as suas identidades, no contraponto e no conflito. Assim se desenvolvem a consciência crítica e a autoconsciência, dando lugar, também, à transformação, à ruptura ou à transfiguração.

Nesta perspectiva, os/as afro-brasileiros/as são “diferentes” e as marcas dessa diferença são a textura do seu cabelo e a cor da sua pele. Diversos processos fazem com que se dêem conta desta situação: Segundo Maalouf (2002, p.35), desde cedo, surgem os conflitos, em casa, na escola ou na vizinhança, diz que “os outros fazem-nos sentir pelas palavras, pelos olhares que somos pobres ou aleijados, demasiados baixos ou altos, escuros ou demasiado louros [...]”, diz ainda que desta forma as pessoas “traçam os comportamentos, as opiniões, os receios e as ambições que se revelam muitas vezes eminentemente formativas, mas que frequentemente nos ferem para sempre”.

A diferença é sustentada pela exclusão que, como consequência, causa muita dor e sofrimento. Prova disso são os vários exemplos que os/as entrevistados/as trouxeram com relação a situações em que foram discriminados.

O aluno Sandro falou do sofrimento que tinha quando estava na escola e que não entendia o porquê de aquilo acontecer, o porquê de ser tratado diferentemente dos outros, além de mostrar a condescendência dos/as professores/as em situações desse tipo:

[...] a gente quando criança, as pessoas são cruéis. A gente não tem noção porque que a gente é diferente o que é que nos faz diferente. Afinal de contas, ali na sala de aula, todos nós usávamos o mesmo uniforme. Não tinha a questão de dizer que uma pessoa era de uma categoria social diferente pela questão da roupa. E o que nos diferenciava era a textura do cabelo e a questão da cor da pele que eram as únicas coisas diferenciáveis, assim, e é uma das formas que eu vejo que a discriminação é feita hoje. Estes estereótipos e os apelidos na sala de aula por parte dos colegas. Cabelo de bombril. Nariz disso. Boneca de piche e estas coisas assim. Muitas vezes a professora ria, mas chamava a atenção dos alunos, mas não adiantava nada a “galera pegava na cabeça” de novo e eu notava que os professores não tinham uma postura mais severa na sala de aula.

Josiane, formada no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, aluna do mesmo curso em bacharelado no momento da entrevista, 25 anos, solteira, é professora na rede municipal de Pelotas, também trata da questão do preconceito, dizendo que:

[...] tem diferença e as pessoas teimavam em dizer que o preconceito era uma coisa que estava mais, que o negro tinha muito preconceito com ele mesmo, que o preconceito era de pobre e não era de cor. Estas coisas todas para negar que existe um preconceito específico contra o negro. E aí eu lembrei disso porque eu cheguei a falar que as crianças geralmente não se aceitam. Quando tu pedes para ela desenhar a família dela ou pedes para elas se autodesenharem elas nunca fazem elas pretas, negras. Porque preto, preto é muito raro de ver alguém. Elas nunca fazem e aí as pessoas dizem que os negros são racistas. Mas vem cá é toda uma sociedade agindo como se fosse feio ser negro. Então as pessoas têm uma tendência a rejeitar a sua cor, achar que a sua cor é feia, o seu cabelo é ruim. Que bobagem é essa por que tem uma textura diferente o cabelo é ruim?

Existem diversos tipos de preconceito e se confunde muito no Brasil o preconceito racial com o de classe social. Isso acontece porque a maioria da população pobre é negra e esta situação faz com que as pessoas digam que o racismo começa pelos/as próprios/as negros/as. É como a Josiane diz e que venho discutindo ao longo do trabalho, pois a diferença existe e é por ela existir que existem também estas formas de marginalização, onde se perpetuam formas de preconceito dentre as quais ser negro/a é feio.

O aluno Alexandre relatou o fato de que sofreu racismo por parte do pai de uma namorada. Contou que estava a namorar uma menina que disse à sua família ter um namorado da universidade, estudante de Biologia. A família ficou muito contente por estar namorando um universitário e pediu que o levasse em sua casa a fim de que pudessem conhecê-lo. Quando chegaram e ele foi apresentado, o pai da menina ficou estarelecido, pois não esperava que o universitário fosse negro. Naquele momento, a identidade étnico-racial vibrou mais alto que a identidade estudantil. Alexandre ficou chocado e, disse que, para ele, parece que “negro só pode ser traficante”.

Durante as suas trajetórias de vida, os entrevistados e as entrevistadas tinham/têm de autoafirmar a sua identidade étnico-racial afro-brasileira, a partir dos processos de discriminação, exclusão e preconceito que vivenciam. Suas identidades estão sendo constantemente ressignificadas e negociadas no interior de diferentes sistemas de representação e práticas discursivas, nas relações sociais em que se inserem. A identidade e a diferença são o resultado de relações sociais e culturais. Nessas relações, marcadas pela desigualdade e pelo preconceito, os indivíduos constroem suas identidades.

## Considerações Finais

Todos os entrevistados e todas as entrevistadas se identificam como negros/as e a construção dessa identidade se deu através de suas famílias e dos processos de escolarização pelos quais passaram, por meio da marcação da diferença, da discriminação e do preconceito, embora só se tenham dado conta deste fato depois de adultos. Durante as suas trajetórias de vida, por meio de palavras ou gestos, as pessoas disseram-lhes ou fizeram-lhes tomar conhecimento de que são negros/as. Durante toda a sua vida, Franciele, Sandro, Daniele, Alexandre, Josiane, Ademir, Carolina e Pedro tiveram estratégias para resistir, lutar, calar, muitas vezes, e, agora, falar das suas batalhas, das suas angústias, dos seus sofrimentos e das vitórias que conquistaram ao longo desses anos, sendo a Franciele e o Sandro, ela com nove e ele com sete anos de Universidade na época, exemplos de perseverança.

A pesquisa não teve o intuito, ao analisar a identidade étnico-racial afro-brasileira desses/as estudantes, de fixar essa identidade, pelo contrário. O principal objetivo foi de mostrar as múltiplas identidades que temos, para que eles, elas e nós todos, nos déssemos conta de que somos constituídos de múltiplas pertencas construídas desde o nosso nascimento, ao longo de nossas vidas, através de práticas sociais e discursivas, na trama das representações sociais e dos jogos de poder dentro das relações sociais nas quais estamos inseridos/as. As identidades são produzidas, assim como as diferenças, ao mesmo tempo em que somos marcados por tudo e por todos; tornamo-nos sujeitos conforme vivemos e somos diferentemente representados.

Quero defender a necessidade e a urgência de se investir na formação de professores/as para que se tornem abertos/as e receptivos/as em face de toda diferença, para que tenham oportunidades de discutir e refletir e, assim, possam também, levar seus/suas alunos/as a refletirem sobre suas próprias atitudes preconceituosas. Mesmo sabendo que a formação de professores/as não se limita apenas ao curso de Magistério, Pedagogia e a Licenciatura, e por isso mesmo, é preciso que se compreenda a formação do docente enquanto pessoa e profissional, permeados/as pelas diversas mediações que contribuem para sua formação como as relações familiares, de amizades, ajuda de professores/as, atuação em movimentos sociais, políticos, religiosos, culturais, entre outros. Com certeza, tudo isso são algumas possibilidades de interpretação que se fizeram possíveis neste momento, com as minhas limitações enquanto pesquisadora negra que iniciou seus estudos por este campo nos dois anos do curso de Mestrado.

Procurei não tratar os depoimentos prestados pelos sujeitos envolvidos na pesquisa e as informações que se dispuseram a dar apenas como objeto de estudo. Quis que suas falas fossem trazidas e mostradas como depoimentos de sujeitos e autores/as que narram as suas histórias. Ao final de cada entrevista, quando perguntados/as se gostariam de fazer algum comentário sobre a pesquisa que não tinham tido oportunidade de fazer, com relação à temática ou sobre a pesquisa como um todo, os alunos e as alunas agradeceram por ter dado a eles/as a oportunidade de refletirem sobre as questões abordadas. Admitiram que nunca haviam pensado em muitas coisas do que falaram, que reavaliaram o seu papel na Universidade e, até mesmo, na sociedade como um todo.

É preciso salientar o importante movimento que a pesquisa causou em mim e nos/as entrevistados/as. Mudei minha postura, minhas atitudes e permito-me expor e arriscar mais, tentando mostrar acontecimentos e atitudes aos meus alunos e às minhas alunas, enquanto professora de Educação Física, quando numa situação de preconceito, racismo ou discriminação contra o/a negro/a ou em qualquer situação. Assim como os/as estudantes entrevistados/as, não deixo mais episódios desse tipo passar despercebidos, pois, caso contrário, esta pesquisa e todos os ensinamentos que ela me trouxe não teriam valido a pena.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, n. 2, v.21 jul./dez. 1997. p.15-46.

IANNI, Otávio. *Dialética das relações raciais*. Estudos Avançados 18 (50). 2004.

LOPES, Helena Theodoro. Educação e Identidade. In: ROSEMBERG, Fúlvia e PINTO, Regina Pahim. *Cadernos de pesquisa: Raça negra e educação* (Fundação Carlos Chagas) São Paulo, n. 63, nov. 1987. p.38-40.

MAALOUF, Amin. *As identidades assassinas*. 2. ed. Portugal: Difel, 2002.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. “Um preto mais clarinho...” ou dos discursos que se dobram nos corpos produzindo o que somos. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1976 . v. 1, n. 1. p.81-115.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Classes sociais e estratificação social. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1984. p.281-294.

WOODWARD, Kathrun. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). 4. ed. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. p. 7-72.

[Recebido em: novembro de 2013.  
Aceito em: dezembro de 2013]